




Carta Econômica - 01/2016

Prezada Associada:

Esta Carta Econômica foi elaborada por uma equipe de técnicos da CIC e tem por objetivo mostrar um conjunto de fatores econômicos constatados ao se analisar as características macroeconômicas do nosso País e região no momento atual, a fim de apoiar a associada no entendimento dos impactos nos negócios e na gestão. Além disso, vai ao encontro dos esforços da entidade na busca pela disseminação de informação e conhecimento.

1 Panorama econômico

<i>Principais indicadores</i>	<i>Acumulado 12 meses(%)</i>	<i>Tendência</i>
<i>Inflação (IPCA-IBGE)</i>	9,28	
<i>Taxa de juros (Selic)</i>	14,25	
<i>Taxa de câmbio</i>	3,60	
<i>Taxa de Desemprego</i>	10,90	

Tendências:

- ✓ O downgrade feito pelas principais agências pode comprometer a atratividade do País para investimentos.
- ✓ O cenário político instável poderá inviabilizar os plano de reestruturação fiscal. Caberá ao novo governo equilibrar as pressões políticas às necessidades de reformas.
- ✓ Os três primeiros meses de 2016 já denotam que o IPCA poderá fechar o ano fora do teto da meta.
- ✓ Previsão de queda dos investimentos estrangeiros em 2016.
- ✓ Previsão de continuidade do desaquecimento do mercado de trabalho e de queda do rendimento médio do trabalho.
- ✓ O real deverá continuar em patamar depreciado, apresentando uma cotação média mais desvalorizada em relação a 2015.

2 Conjuntura:

(a) Nacional:

O quadro político nacional esteve submetido a um elevado *stress* nas últimas semanas e meses em razão do processo de *impeachment* e afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República, mas que vem dando sinais de abrandamento após o transcurso dos fatos e a transição para um governo comandado por Michel Temer. Ademais, as medidas iniciais que vêm sendo tomadas demonstram clara mudança de rota, sobretudo no que diz respeito ao combate à corrupção e o real enfrentamento, com transparência, da realidade das contas públicas.

Abre-se assim uma nova perspectiva para o País.

O novo governo gera uma expectativa de um desempenho melhor, afastando a expectativa de caos que havia se instalado nos últimos meses do governo Dilma. Ao contrário deste último, o novo governo tem um posicionamento ideológico mais próximo do desejado pelo que se percebe da maioria da sociedade. Os seus “atores” são mais confiáveis, e portanto mais bem aceitos pelo mercado e pela população em geral.

Em contrapartida, o novo governo tem pela frente um desafio muito grande. Terá que demonstrar capacidade e competência para gerar confiança, dentro e fora do País, de que poderá recuperar a situação caótica em que se encontram praticamente todos os setores. Terá que adotar logo de início medidas concretas e bem estruturadas neste sentido. A indicação do novo ministério e cargos-chave no segundo escalão, em que pesem algumas dúvidas, foi muito bem recebida, assim como a manifestação inicial do novo Presidente.

Na área econômica, o novo Ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, tem o respeito da comunidade financeira nacional e internacional. Foi presidente de um grande banco americano, e tem experiência anterior no governo. Ele chega, portanto, com a expectativa de que possa atuar de forma significativa e consistente na solução dos difíceis e enormes problemas gerados pelos governos Lula/Dilma. O que exigirá coragem, determinação e competência.

A conjuntura nacional mostra alguns sinais positivos. A inflação, de acordo com recentes projeções do mercado financeiro, dá indicativos de estar em tendência de baixa. As exportações, também, vem dando sinais positivos, em que pesem as grandes dificuldades decorrentes do abandono a que foi relegado o setor nos governos anteriores.

Agenda para o crescimento:

Entendemos que para o País retomar o crescimento se faz necessário:

1. Ambiente amigável aos negócios, com segurança jurídica e menos burocracia;
2. Estado mais eficiente e menos gastador e irresponsável;
3. Esforço genuíno de acesso a mercados e desenvolvimento de Acordos Comerciais que possam alavancar exportações;
4. Tributação justa e sem sua incompreensível complexidade;
5. Legislação trabalhista mais flexível e com o “negociado” se sobrepondo ao “legislado” (previsto em lei);
6. Acesso a financiamento, com taxas de juros atrativas;
7. Infraestrutura (transporte, energia e comunicações) restaurada, com acesso ao capital privado;
8. Educação acessível e de qualidade;
9. Acesso e apoio financeiro à inovação, tecnologia e pesquisa;

Os itens acima deveriam balizar um projeto para o País com retorno ao crescimento no curto, médio e longo prazos.

(b) Rio Grande do Sul:

No Rio Grande do Sul, pode-se dizer que o governo Sartori vem sem dúvida fazendo um bom trabalho no que diz respeito à adoção de medidas que visam melhorar o perfil futuro, a médio/longo prazo, tais como: as mudanças na previdência do setor público no Estado; a nova lei de responsabilidade fiscal; as concessões no setor rodoviário para melhoria da infraestrutura; assim como outras medidas de redução de gastos. Também são meritorios os esforços de renegociação da dívida com o governo federal. Contudo, os problemas de curto prazo permanecem. Serão necessárias medidas mais profundas para reduzir significativamente o peso da máquina estatal na economia estadual.

O posicionamento do Supremo Tribunal Federal sobre a questão da forma de correção da dívida dos estados com a União devolveu a questão ao debate, o que sinaliza para novas rodadas de negociação que espera-se resultem em concessões por parte do governo federal, mas certamente que condicionada a compromissos com a disciplina fiscal e a contenção de gastos.

(c) Caxias do Sul:

A economia em Caxias do Sul, independentemente do setor (indústria, comércio, serviços, agropecuária) tem se ressentido da crise econômica e política que vivemos no País. Pelo perfil de sua indústria intensiva em bens de capital (de maior valor agregado) é natural sentirmos primeiro e com mais intensidade os impactos da crise. A economia do município vem apresentando resultados fracos desde 2014, o que se agravou ainda mais em 2015. O acumulado de 12 meses do indicador calculado pela CIC aponta uma recessão de -18,8% na soma dos resultados dos setores de indústria, comércio e serviços e -13,5% no acumulado do ano em curso.

Cabe ressaltar que estamos analisando os três primeiros meses do ano e que em janeiro o número de dias trabalhados foi muito pequeno em função de férias coletivas na maior parte das empresas caxienses. Mas fevereiro e março deram um tempo para os números negativos nas comparações entre os meses do mesmo ano. Estes resultados, como demonstrados no quadro abaixo, não se repetem quando dessazonalizados, ou seja, quando comparados com o mesmo período do ano anterior.

Figura 1 - Evolução Mensal da Economia Caxiense

Economia de Caxias do Sul (%)				
	Mês Atual/ Mês Ant.	Mesmo Mês Ano Anterior	Acumulado no ANO	Acumulado 12 MESES
abr/15	-6,1	-16,2	-15,4	-10,7
mai/15	-1	-17,5	-15,9	-11,2
jun/15	-1,2	-17,7	-16,2	-11,7
jul/15	4,5	-17,9	-16,5	-12,6
ago/15	0	-16,2	-16,5	-13,1
set/15	-2	-21	-16,4	-14,4
out/15	-0,1	-23,1	-17,8	-16,1
nov/15	-1	-24,7	-18,5	-17,6
dez/15	-0,3	-19,9	-18,7	-18,7
jan/16	-6,9	-18	-18	-19,3
fev/16	0,2	-11	-14,5	-19
mar/16	6,4	-11,7	-13,5	-18,8

Fonte: CIC de Caxias do Sul

Assim, Caxias do Sul ainda depende de um ambiente mais favorável a investimentos e, sobretudo, de mais estabilidade política para sonhar com uma retomada da economia.

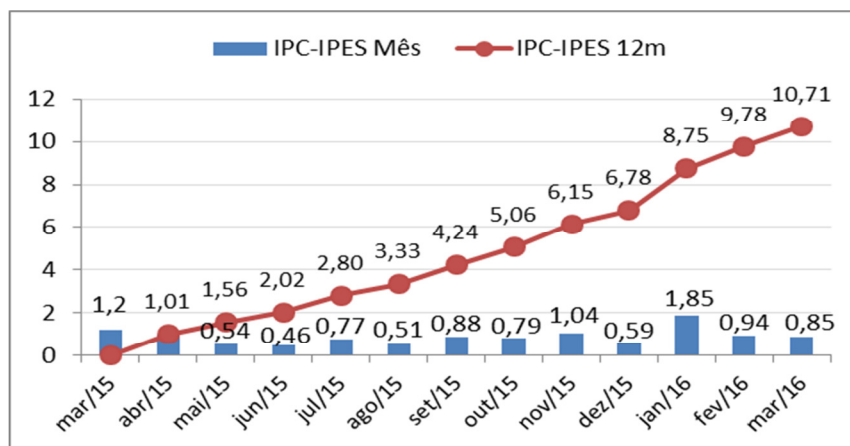
2 Reflexos sobre a economia de Caxias do Sul:

(a) Inflação:

A inflação em Caxias do Sul tem seguido a tendência da inflação nacional, ou seja, de alta. No entanto, com números levemente superiores. Em março deste ano, a inflação acumulada de 12 meses do IPC, indicador local, está em 10,71% contra 9,39% do IPCA nacional. No ano de 2016 o IPC acumulado em Caxias do Sul é de 3,68%, e o IPCA nacional em 2,62%. Destacam-se o grupo dos alimentos, da habitação e de transportes como os que mais contribuíram para o aumento da inflação na cidade.

Também é possível perceber pela figura abaixo que a inflação começou bastante alta em janeiro e depois demonstra certa perda de potência, com aumentos cada vez menores. No entanto, com a chegada de dias mais frios no outono, é possível que esta tendência não se mantenha para os próximos meses, haja vista que ocorre reduções na oferta de certos produtos agrícolas como o leite e seus derivados, encarecendo o preço.

Figura 2 - Evolução do IPC de Caxias do Sul



Fonte: IPES – UCS

(b) Mercado de Trabalho:

O mercado de trabalho está encolhendo no Brasil, no Rio Grande do Sul e também em Caxias do Sul. Aliás, na cidade este movimento começou antes mesmo que no Brasil. Assim, tem-se um saldo negativo no ano de menos 180 vagas no total dos setores. Se a análise for setorial, a indústria

acumula uma redução de 1.192 postos de trabalho. O número para 12 meses é ainda pior, são 11.303 postos de trabalho fechados somente na indústria e 14.543 no acumulado dos setores.

No entanto, também se percebe uma perda de força nas demissões, levando à conclusão de que o “pior” já aconteceu e apenas alguns ajustes estão sendo feitos neste momento.

Figura 3 - Mercado de Trabalho em Caxias do Sul

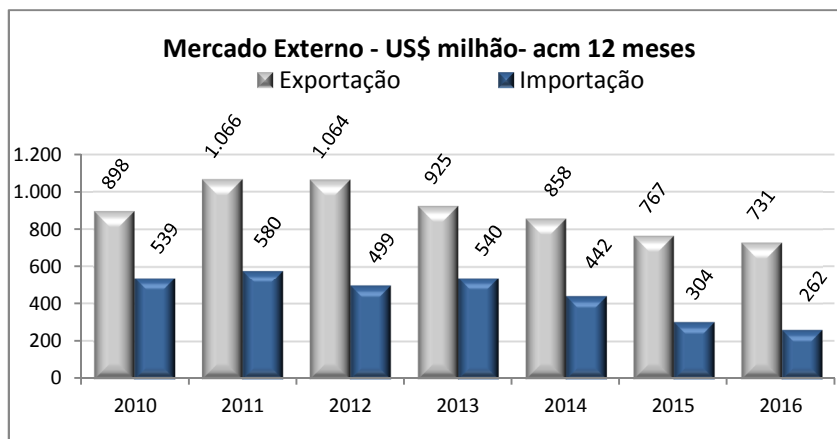
SETORES	MARÇO/2016				NO ANO				EM 12 MESES			
	TOTAL ADMIS.	TOTAL DESLIG	SALDO	VARIAC. EM PR % *	TOTAL ADMIS.	TOTAL DESLIG	SALDO	VARIAC. EM PR %	TOTAL ADMIS.	TOTAL DESLIG	SALDO	VARIAC. EM PR %
EXTRATIVA MINERAL	1	1	0	0,00	10	11	-1	-0,98	42	46	-4	-3,81
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	1.518	2.237	-719	-1,08	4.886	6.078	-1.192	-1,77	16.062	27.365	-11.303	-14,61
SERV INDÚST DE ÚTIL PÚBLICA	24	22	2	0,11	81	75	6	0,33	285	260	25	1,39
CONSTRUÇÃO CIVIL	414	510	-96	-1,48	1.124	993	131	2,08	4.135	4.589	-454	-6,61
COMÉRCIO	1.314	1.306	8	0,03	3.761	3.674	87	0,33	14.530	15.622	-1.092	-3,91
SERVIÇOS	2.046	2.385	-339	-0,63	6.240	5.918	322	0,60	21.668	23.571	-1.903	-3,43
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	14	4	10	2,99	14	7	7	2,08	85	32	53	18,21
AGROPECUÁRIA	235	384	-149	-6,30	1.478	1.018	460	26,18	2.638	2.503	135	6,48
TOTAL	5.566	6.849	-1.283	-0,81	17.594	17.774	-180	-0,11	59.445	73.988	-14.543	-8,46

FONTE: MTE-CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS-LEI 4923/65

(c) Comércio internacional:

As exportações líquidas (exportações menos importações) apresentam um crescimento, mas percebe-se que resultado da queda nas importações e, não necessariamente, por aumento nas exportações. Tal questão pode ter justificada pela perda de alguns mercados ou até mesmo de uma certa contração destes mercados. O câmbio mais favorável ajuda, mas não tem sido o fator determinante para aumentar as exportações. Observa-se a necessidade de mais competitividade para conquistar o mercado externo e isso passa por melhor infraestrutura, mais tecnologia e maior capacitação da mão de obra.

Figura 3 – Comércio Internacional – Caxias do Sul (2010-2016)



Fonte: MDIC- Elaboração CIC

Uma publicação:

Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul – CIC Fone.: (54) 3218 8000
Conselho Temático de Economia e Finanças

Conselheiros: Astor Milton Schmitt, Alexander Messias, Idalice Manchini, Fábio Abreu de Paula, Joarez Piccinini, Maria Carolina Rosa Gullo, Mauro Corsetti

Rua Ítalo Victor Bersani, 1134 – Bairro Jardim América

CEP 95050-520 – Caxias do Sul – RS

www.cic-caxias.com.br

economia@cic-caxias.com.br